

# Saber e fazer

ALBERTO OLIVA

São sobejamente conhecidas as deficiências de nossas escolas. A maioria sobrevive em péssimas instalações, muitas vezes à beira da estrada ou em ruas de trânsito intenso. Os professores estão submetidos ao desânimo das remunerações irrisórias. A qualidade de nosso ensino é assustadora. Temos tendido a reduzir a situação falimentar em que se encontra o ensino no Brasil a uma questão de falta de recursos. Apesar de insuficientes os investimentos em educação, os resultados que temos alcançado estão muito aquém dos gastos feitos. Nosso ensino é de qualidade inferior ao de alguns de nossos mais pobres vizinhos. Está, aliás, em manifesto descompasso com a posição que nos destaca como a décima economia do mundo. E, agora que começamos a abrir nossa economia, os defeitos do sistema educacional ficarão ainda mais tristemente à mostra. Como poderemos enfrentar poderosos concorrentes sem uma mão-de-obra bem preparada e um empresariado consciente do papel crucial da pesquisa — da criação do novo melhor e mais barato — no desenvolvimento da economia? As contra-indicações da competição em escala planetária só são atenuadas quando os agentes econômicos são preparados para enfrentar um mundo em que produtos e técnicas estão o tempo todo sofrendo modificações, quando não substituídos, em nome da qualidade supe-

rior. Só dispondo do necessário conhecimento poderemos responder com competência aos desafios da busca de novos nichos. Sem que nos habilitemos a perseguir novos conhecimentos ficaremos reféns da obsolescência técnico—produtiva.

Não há como negar que a escassez de recursos sempre gera graves dificuldades na área do ensino. Mas o que nos falta verdadeiramente é um projeto de escola. Os elevados índices de repetência e evasão apontam para a necessidade de adotarmos um modelo de ensino

instrumental da técnica e vice-versa. O perigo reside na absolutização de um sistema filosófico ou na mitificação do interesse tecnológico em detrimento do caráter plural da cultura numa sociedade democrática.

Todos sabemos que os mecanismos de competição estão se fazendo cada vez mais presentes não só na economia brasileira, mas também no mercado mundial. A competição faz aflorar tanto nossas melhores qualidades quanto nossos piores defeitos. Como seria um jogo de futebol sem regras ou

## NOSSO ENSINO É DE QUALIDADE INFERIOR AO DE ALGUNS DE NOSSOS MAIS POBRES VIZINHOS

umbilicalmente ligado ao mercado de trabalho e ao sistema de produção. A escola capaz de responder aos desafios do mundo circundante é a que cultiva a vocação técnica voltada para a permanente transformação do mundo do trabalho e da produção. É a que também oferece um tipo de ensino consciente de que a gramática da transformação do mundo pela técnica pressupõe o uso adequado da linguagem do pensamento. A boa técnica nada mais é que o exercício criativo do pensamento que dá frutos práticos. A arte de pensar não é incompatível com a razão ins-

sem juiz? A vigência de normas gerais de justa conduta impede que o jogo dê azo a lances desleais e descambê para a violência. As normas são, na verdade, condição de possibilidade para que de fato haja jogo e se desenrole sem injustiça. O bom ensino deve ter por meta oferecer, entre outras coisas, condições para que cada um participe da forma a mais competente possível dos diversos níveis de competição presentes no jogo social. Insignes pedagogos têm estabelecido uma artificial contraposição entre técnica e humanidade. Chegam, em alguns casos, a satanizar tudo que a

ciência e a tecnologia têm proporcionado à humanidade. Jogam fora a água suja junto com o bebê. No Brasil, os projetos educacionais têm exibido a prevalência, conforme a preferência dos que a cada conjuntura decidem, ou bem do tecnicismo alienado ou bem do humanismo ressentido. Precisamos gerar um projeto de educação de massas que concilie a arte de pensar com a técnica de transformar o mundo. A economia vai precisar contar cada vez mais com a associação entre o pensamento criativo e o espírito prático empreendedor. O fazer, na era das complexas soluções provisórias, exigirá cada vez mais um saber que se renova diuturnamente. Perde dia a dia sua importância o velho modelo de saber que podia quase que mecanicamente ser posto em prática. A hora é do conhecimento aventureiro dedicado à descoberta de novos nichos, à recriação do mundo. A Escola de Excelência, com boas instalações e professores bem pagos, só se torna realidade quando ensina como foram alcançadas as grandes conquistas técnico—científico—filosóficas e quando estimula a busca do novo por meio do exercício da liberdade.

### O AUTOR

Alberto  
Oliva é  
professor  
de Filosofia  
da UFRJ

